

## **Tática e Disciplina do Partido Revolucionário**

Imitemos um pouco a sabedoria de nossos adversários. Vejam, todos os governos têm na boca a palavra liberdade, enquanto seus atos são reacionários. Que as autoridades revolucionárias não façam mais frases, mas, usando uma linguagem mais moderada, a mais pacífica possível, façam a revolução. É totalmente o inverso do que as autoridades revolucionárias, em todos os países, fizeram até hoje: elas foram a maior parte das vezes excessivamente enérgicas e revolucionárias em sua linguagem e muito moderadas, para não dizer muito reacionárias, em seus atos. Pode-se mesmo dizer que a energia da linguagem, a maior parte das vezes, serviu-lhes de máscara para enganar o povo, para lhe esconder a fraqueza e a incoerência de seus atos. Há homens, muitos homens, na burguesia supostamente revolucionária que, ao pronunciarem algumas palavras revolucionárias julgam fazer a revolução, e que, depois de as terem pronunciado, julgam-se com o direito de cometer atos de fraqueza, inseqüências fatais, atos de pura reação. Nós, que somos revolucionários para valer, fazemos absolutamente o contrário. Falamos pouco de revolução, mas a fazemos. Deixemos por agora a outros o cuidado de desenvolver teoricamente os princípios da revolução social, e contentemo-nos em aplicá-los, em encarná-los nos fatos.

Entre os nossos amigos e aliados, os que me conhecem bem talvez fiquem espantados por eu sustentar agora esta linguagem, eu, que fiz tanta teoria, e que me mostrei sempre um guardião zeloso e feroz dos princípios. Ah! É que os tempos mudaram. Então, ainda há um ano, nos preparávamos para a revolução, que esperávamos, uns mais tarde, outros mais cedo, e agora, digam o que disserem os cegos, estamos em plena revolução. Então, era absolutamente necessário sustentar alta a bandeira dos princípios teóricos, expor bem alto estes princípios em toda sua pureza, a fim de formar um partido por pouco numeroso que fosse, mas composto unicamente por homens que estivessem sinceramente, plenamente, apaixonadamente ligados a estes princípios, de modo que cada um, em tempo de crise, pudesse contar com todos os outros. Agora já não se trata de recrutar. Nós conseguimos formar, bem ou mal, um pequeno partido – pequeno em relação ao número de homens que aderem a ele com conhecimento de causa, imenso em relação aos seus aderentes instintivos, em relação às massas populares das quais ele representa as necessidades melhor do que qualquer outro partido. Agora devemos embarcar em conjunto no oceano revolucionário e, doravante, não devemos propagar mais nossos princípios por palavras, mas com fatos, pois esta é a mais popular, a mais poderosa e a mais irresistível das propagandas. Calemos de vez em quando a política, isto é, quando a nossa impotência momentânea em relação a uma grande força contrária o exija, mas sejamos sempre implacavelmente conseqüentes nos fatos. A salvação da revolução está toda neles.

A principal razão porque todas as autoridades revolucionárias de todo o mundo fizeram sempre tão pouca revolução, é porque elas sempre quiseram fazê-la elas próprias, com a sua autoridade, e com a sua força, o que nunca deixou [...] de estreitar excessivamente a ação revolucionária, pois é impossível mesmo para a autoridade revolucionária mais inteligente, mais enérgica, mais franca, abraçar ao mesmo tempo muitas questões e interesses, sendo qualquer ditadura, tanto individual como coletiva, enquanto composta por vários personagens oficiais, necessariamente muito limitada, muito cega, e incapaz tanto de penetrar nas profundezas como de abraçar toda a amplitude da vida popular [...]. Então o que devem fazer as autoridades revolucionárias? E trabalhemos para que estas existam o menos possível. O que é que elas devem fazer para desenvolver e organizar a revolução? Elas não devem fazê-la por decretos, nem impô-la às massas, mas provocá-la nas massas. Elas não lhes devem impor uma organização qualquer, mas, suscitando a sua organização autônoma de baixo para cima, trabalhar secretamente, com a ajuda da

influência individual sobre os indivíduos mais inteligentes e mais influentes de cada localidade, para que esta organização esteja o mais próxima possível de nossos princípios. Todo o segredo do nosso triunfo está aí.

Que este trabalho encontre dificuldades, quem pode duvidar disso? Mas quem pensa que a revolução é um jogo de crianças e que se pode fazê-la sem vencer inumeráveis dificuldades? Os revolucionários socialistas dos nossos dias não têm nada ou quase nada a imitar dos processos revolucionários dos jacobinos de 1793. A rotina revolucionária os poria a perder. Eles devem trabalhar no vivo, eles devem criar tudo<sup>1</sup>.

\*\*\*\*\*

Não se pense que eu quero impor a causa da anarquia absoluta nos movimentos populares. Tal anarquia não seria outra coisa senão uma ausência completa de pensamento, de objetivo e de conduta comum, e ela deveria conduzir necessariamente a uma impotência comum. Tudo que é viável ou não se produz numa determinada ordem, que lhe é inerente, manifesta-se conforme é. Qualquer revolução popular que não morra ao nascer conformar-se-á em uma ordem que lhe será particular, e sempre reconhecida pelo instinto popular, será determinada pela combinação natural de todas as circunstâncias locais com o objetivo comum que apaixona as massas. Para que esta ordem possa brotar e para que se estabeleça no meio da anarquia de uma sublevação popular, é preciso que ela abrace os povos numa única e grande paixão e que o seu objeto esteja bem determinado. O ideal de tal insurreição, segundo a minha opinião, realizou-se em uma sublevação de massas dos insurretos da Vendéia; não, sem dúvida, no seu programa, que era excessivamente reacionário. As tropas aguerridas da República, comandadas pelos melhores generais, foram postas em xeque, durante alguns anos, pela desordem dos camponeses.

A sublevação popular na Espanha contra Napoleão nos dá outro exemplo. Poder-se-ia ainda citar a do povo russo contra a invasão de Napoleão em 1812<sup>2</sup>. O que torna os movimentos verdadeiramente populares tão fortes é que, produtos de uma grande paixão unânime, seduzem toda a gente, tanto os fracos como os fortes, as mulheres, as crianças, os velhos, assim como os jovens e os homens maduros, pois a própria ausência de qualquer ordem formal e de qualquer regra artificial, imposta por uma autoridade superior, torna possível esta participação ao movimento geral, de todas as idades e de todos os sexos; enquanto que a repressão definitiva das forças populares, constantemente a desaparecer e a renascer, torna-se por isso mesmo quase impossível. Vimos uma prova surpreendente disso na última insurreição polaca. Foi um movimento anárquico, o governo nacional de Varsóvia era muito fraco para contê-lo e para dirigi-lo, o que foi mais uma vantagem do que um inconveniente, pois este governo - que é preciso não confundir com o Comitê Central de Varsóvia, que organizou muito bem a conspiração nacional, mas que se dissolveu de fato nos primeiros dias da insurreição e foi substituído pelo governo nacional - tinha um temperamento tão pouco revolucionário, que era muito mais capaz de matar do que manter viva a insurreição polaca. Todos os membros do Comitê Central, do sistema de concessões e de meias-medidas e não eram sinceramente revolucionários (talvez menos um ou dois) - senão totalmente pelo seu programa, ao qual voltarei mais a frente - pelo menos pela energia da sua fé e da sua vontade. Eram jovens impacientes por começar a luta e que só contavam com a sublevação popular. Eram inimigos, naturalmente, sem nenhuma confiança na diplomacia. Podemos ter certeza, pois, que se eles tivessem se mantido à cabeça do movimento insurrecional, este último teria tomado um caminho mais decisivo. Mas deixando-se arrastar por um sentimento de impaciência, de vaidade

juvenil e de heroísmo, e em parte impelidos pelas próprias necessidades de sua difícil posição, deixaram Varsóvia para se porem à cabeça dos bandos revoltados. Morreram quase todos e o seu lugar vago foi ocupado por outros. Estes outros eram revolucionários de futuro, não da véspera, aliás, patriotas decididos, mas moderados, hesitantes e ponderados, que nunca teriam começado uma revolução como a da véspera, que eles diziam impossível, e que, conseqüentemente, não tinham nenhuma das qualidades requeridas para conduzi-la a bom termo.

Estes revolucionários moderados censuraram a juventude revolucionária, como uma grande loucura, a sua confiança no povo; esta confiança, nunca a partilharam e por muitas razões [...], eles receavam, até mais do que desejavam, a insurreição polaca. Mas provando a sua incontestável sabedoria por esta desconfiança legítima que o povo sempre lhes inspirou, não conseguiram evitar outra loucura - não posso qualificar de outro modo a sua confiança infantil no auxílio da diplomacia. Aliás, eles são suas vítimas; um amigo muito perigoso e muito equívoco da causa polaca, chefe de um Estado, que desde que esta causa existe, não deixou escapar uma ocasião para lhe prestar maus serviços. O Imperador Napoleão III, numa palavra, tendo-lhe sugerido que deviam apoderar-se do movimento nacional, primeiro para paralisar tudo o que havia de verdadeiramente revolucionário e que, acrescentava, seria necessariamente antipático a todos os governos regulares da Europa; mas ao mesmo tempo para fazê-lo prolongar em duração continuando-o como um protesto exclusivamente nacional, a fim de dar à diplomacia o pretexto de intervir a favor da Polônia. Esses homens sensatos, que se apoderaram efetivamente do governo nacional, só seguiram muito fielmente os conselhos de Paris. Eles puseram todas as suas esperanças na intervenção diplomática da França; para agradá-la, para agradar também à Áustria, que durante alguns meses tinha fingido querer associar-se à política da França, fizeram todos os esforços para acalmar, para despopularizar e para abafar a insurreição nacional. Eles só o conseguiram imperfeitamente, graças à sua impotência<sup>3</sup>.

.....

Se Paris se subleva e triunfa, terá o direito e o dever de proclamar a liquidação completa do Estado político, jurídico, financeiro e administrativo, a bancarrota pública e privada, a destruição de todas as funções, de todos os serviços, de todas as forças do Estado, o incêndio ou o fogo da alegria de todos os papéis e atos públicos ou privados, a fim de que os trabalhadores reunidos em associações, e que terão expropriado todos os instrumentos de trabalho, capitais de qualquer espécie e edifícios, fiquem armados e organizados por ruas e por quarteirões. Formarão a federação revolucionária de todos os quarteirões, a comuna diretiva. E esta comuna terá o dever de declarar que não se arroga ao direito de governar e de organizar a França, mas que chama o povo de todas as comunas, tanto da França como do que se chamava até agora o estrangeiro, a seguir o seu exemplo, a fazer, cada uma na sua região, uma revolução tão radical, tão destrutiva para o Estado, para o direito jurídico e para a propriedade privilegiada.

Ela convidará estas comunas, francesas e estrangeiras, depois de ter feito esta revolução, a virem federar-se com ela, quer em Paris quer em qualquer outro ponto que se quiser, para onde enviarão seus delegados para fazer uma organização comum dos serviços e das relações de produção e de troca, organização necessária para estabelecer a carta de igualdade, base de toda a liberdade, carta totalmente negativa por seu caráter, separando bem o que deve ser abolido presentemente do que são as formas positivas da vida local, que só podem ser criadas pela prática viva de cada localidade. Ao mesmo tempo organizar-se-á uma defesa comum contra os inimigos da Revolução, assim como a

propaganda ativa da Revolução e da solidariedade prática revolucionária, com os amigos de todos os países contra os inimigos de todos os países.

Numa palavra, a revolução deve estar e deve surgir por toda parte, independentemente do ponto central, que deve ser sua expressão, o seu produto, e não a sua fonte, a sua direção e a sua causa. É preciso que a anarquia, o despertar da vida espontânea, de todas as paixões locais, e sobre todos os pontos, sejam tão grandes quanto possível, para que a Revolução seja e continue viva, real e forte. Os revolucionários políticos, os partidários da ditadura ostensiva, logo que a revolução tiver obtido o primeiro triunfo, ordenam o apaziguamento das paixões, a ordem, a confiança e a submissão aos novos poderes estabelecidos. Deste modo, eles reconstituem o Estado. Nós, pelo contrário, devemos fomentar, despertar, desprender todas as paixões, devemos produzir a anarquia, e, pilotos invisíveis no meio da tempestade popular, devemos dirigi-la, não com um poder ostensivo, mas pela ditadura coletiva de todos os aliados (membros da Aliança). Ditadura sem capa, sem título, sem direito oficial, e tanto mais forte quanto menos aparências do poder ela tiver. Eis a única ditadura que admito. Mas para que ela possa agir é preciso que exista, e para isso, é necessário primeiro prepará-la e organizá-la; pois ela não se fará sozinha, nem com discussões, nem por exposições e debates de princípios, nem por assembleias populares<sup>4</sup>.

.....

O nosso objetivo é criar uma coletividade revolucionária forte, mas sempre invisível, uma coletividade que deve preparar a revolução e dirigi-la [...], deixando ao movimento revolucionário de massas o seu desenvolvimento total e a sua organização social [...] a mais completa liberdade, mas vigiando sempre para que este movimento e esta organização nunca possam reconstituir autoridades, governos, Estados, e combatendo todas as ambições, tanto coletivas (no gênero das de Marx) como individuais, por influência natural, nunca oficial, de todos os membros de nossa Aliança, disseminados em todos países, e cuja força vem unicamente de sua ação solidária e da unidade de programa e de objetivos que deve existir sempre entre eles<sup>5</sup>.

Assim centralizada pela idéia e pela identidade de um programa comum a todos os países, centralizada por uma organização secreta, que reunirá não só todos os partidos de um país, mas também muitos senão todos os países num mesmo plano de ação; centralizada também pela simultaneidade dos movimentos revolucionários no campo e na cidade, doravante, a revolução deverá tomar e manter um caráter local no sentido em que não deverá começar de modo algum por uma grande concentração de todas as forças revolucionárias de um país num único ponto, nem nunca tomar o caráter romanesco e burguês de uma expedição quase revolucionária, mas inflamando-se ao mesmo tempo em todos os pontos de um país, deverá tomar o caráter de uma verdadeira revolução popular<sup>6</sup>.

.....

Tu me escreves, caro amigo, que és “inimigo de qualquer espécie de status” e afirmas que eles “só são jogos de crianças”. Eu não compartilho completamente da tua opinião neste ponto. É detestável uma regulamentação excessiva, e julgo, como tu, que “as pessoas sérias devem traçar uma linha de conduta e não se desviar dela”. Portanto tentemos nos compreender um ao outro. A fim de estabelecer uma certa coordenação na ação, coordenação necessária, creio eu, entre as pessoas que tendem ao mesmo objetivo, impõem-se determinadas condições: um certo número de regras ligando cada um a todos, determinados pactos e acordos renovados freqüentemente - se falta tudo isto, se cada um trabalha como lhe apetece, as pessoas mais sérias encontrar-se-ão, elas

próprias, numa situação em que os esforços de um serão neutralizados pelos de outros. Disto resultará a desarmonia e não a harmonia e a confiança serena para a qual tendemos. [...] Eu quero que em nosso trabalho haja ordem e uma confiança serena, e que nem uma nem outra seja o resultado de ordens de uma única vontade, mas da vontade coletiva, da vontade bem organizada de numerosos companheiros disseminados em numerosos países [...]. Mas para que tal descentralização seja possível, é preciso ter uma autêntica organização, e tal organização não é possível sem um certo grau de regulamentação, que ao fim e ao cabo são o resultado de um acordo mútuo ou de um contrato<sup>7</sup>.

.....

Trata-se da disciplina e da confiança, assim como da união. São coisas excelentes quando são bem aplicadas. Funestas quando se dirigem a quem não as merece. Amante apaixonado da liberdade, confesso que desconfio muito dos que têm sempre na boca a palavra disciplina<sup>8</sup>.

Por muito inimigo que seja daquilo que na França chamam de disciplina, no entanto reconheço que uma certa disciplina, não automática, mas voluntária e refletida, e estando perfeitamente de acordo com a liberdade dos indivíduos, continua a ser e sempre será necessária, todas as vezes que vários indivíduos, livremente unidos, empreenderem um trabalho ou uma ação coletiva qualquer. Esta disciplina não é senão a concordância voluntária e refletida de todos os esforços individuais para um objetivo comum. No momento da ação, no meio da luta, os papéis dividem-se naturalmente, segundo as aptidões de cada um, apreciados e julgados por toda coletividade: uns dirigem e ordenam, outros executam as ordens. Mas nenhuma função se petrifica, se fixa e fica irrevogavelmente ligada a nenhuma entidade ou pessoa. A ordem e a promoção hierárquica não existem, de modo que o comandante de ontem pode tornar-se o subalterno de hoje. Ninguém se eleva acima dos outros, ou se se eleva, não é senão para cair logo a seguir, como as ondas do mar, voltando sempre ao nível salutar da igualdade.

Neste sistema já não há propriamente poder. O poder baseia-se na coletividade, e torna-se a expressão sincera da liberdade de cada um, a realização fiel e séria da vontade de todos; só obedecendo cada um de per si, ao chefe do dia, este só ordenará o que ele próprio quer. Eis a disciplina verdadeiramente humana, a disciplina necessária à organização da liberdade<sup>9</sup>.

.....

Doravante, que cada grupo, cada seção de grupo, não receba no seu seio um novo membro senão por unanimidade, nunca unicamente pela maiorias vozes, isto é, de todos os membros que fazem parte desta seção de grupo. Se só são dois, não devem admitir um terceiro senão quando estiverem os dois perfeitamente de acordo e igualmente convencidos da utilidade, da inteligência, da dedicação, da energia e da discrição que ele vos trará. E nesta escolha nunca devem se deixar conduzir por nenhuma outra consideração senão o programa da Aliança, a concorrência perfeita dos seus sentimentos e das suas ideias com esse programa, e a sua capacidade real de segui-lo com energia, com discrição, com perseverança e prudência, e sobretudo a sua capacidade de renunciar para sempre qualquer iniciativa individual isolada, e de subordinar sempre a sua ação à vontade coletiva - capacidade que os vaidosos e ambiciosos nunca têm, pois o que eles procuram, muitas vezes sem eles próprios repararem nisso, o que procuram em todas as coletividades, tanto públicas como secretas que encontram, é um pedestal para si, um trampolim para sua glória ou

elevação pessoal - por causa disso, impusemos a nós próprios a lei de nunca receber nosso sanctum sanctorum, na nossa intimidade e fraternidade coletiva, nenhum ambicioso e nenhum vaidoso, por muito parecidas que sejam as suas idéias e as suas tendências apaixonadas com as nossas, por muito inteligentes e sábios que sejam e por muito grande que pudesse ser a utilidade que as suas relações e a sua influência no mundo nos trouxesse. Preferimos nos resignar do que recebê-los entre nós, pela certeza que temos de que a sua ambição e a sua vaidade não deixariam de trazer para o nosso meio, mais tarde ou mais cedo, os germes da divisão e da desorganização. Eles vão querer ser chefes, dirigentes, mestres, e não os reconhecemos de modo nenhum entre nós e como socialistas revolucionários não os devemos reconhecer. Não pode e não deve ser dos nossos senão o que é capaz de, individualmente, imergir completamente na solidariedade fraternal e na ação coletiva dos aliados – não para se tornar um escravo, mas pelo contrário, para se retemperar nela e para se reencontrar forte, livre, inteligente, pela força, pela liberdade, pela inteligência e pela assistência, sempre ativa e sempre presente, de todos<sup>10</sup>. [O candidato] à Aliança deve compreender que uma associação com um objetivo revolucionário tem de transformar-se necessariamente em sociedade secreta, e qualquer sociedade secreta, no interesse da causa a que serve e da eficácia de sua ação, assim como no da segurança de cada um dos seus membros, tem de ser submetida a uma forte disciplina, que, aliás, não é senão o resumo e o resultado puro do compromisso recíproco de todos os membros uns em relação aos outros<sup>11</sup>.

Artigo retirado do livro *Conceito de Liberdade*, de Bakunin, publicado pela editorial RES do Porto, Portugal, em 1975. Reproduzido em *Socialismo e Liberdade*, também de Bakunin, publicado por Luta Libertária de São Paulo, Brasil, em 2002. Tradução de Jorge Dessa a partir do original em francês com o título de *La Liberté*.

### Notas

- 1- Mikhail Bakunin. “Cartas a um Francês sobre a Crise Atual” (1870). In: *Obras II*. Paris: P. V. Stock, 1895-1913, pp. 225-228.
- 2- Mikhail Bakunin. “Manuscrito provavelmente sobre a ‘Questão Revolucionária nos Países Russos e na Polônia’ (1868?)”. In: Max Nettlau. *The Life of Michael Bakunine*. Michael Bakunine, eine Biographie. Londres: edição privada, 1896-1900, p. 198.
- 3- *Ibidem*, pp. 157-158.
- 4- Mikhail Bakunin. “Cartas” (1870). In: Albert Richard. *Bakunin e a Internacional em Lyon 1868-1870*. Paris: 1869, pp. 130-131.
- 5- Mikhail Bakunin. “Carta a Pablo na Espanha” (1872). In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, p. 284.
- 6- Mikhail Bakunin. “Organização” (1864-1867). In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, p. 218.
- 7- Mikhail Bakunin. “Carta a Albert Richard” (1868-1870). In: G. P. Maximoff *The Political Philosophy of Bakunine - Scientific Anarchism*. Illinois: The Free Press, 1953, pp. 379-380.
- 8- Mikhail Bakunin. “O Império Knuto-Germânico e a Revolução Social” (1870- 1871). In: *Obras II*, p. 296.
- 9- *Ibidem*. pp. 297-298.
- 10- Mikhail Bakunin. “Carta a Pablo na Espanha”. In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, pp. 283-284.
- 11- Mikhail Bakunin. “Organização”. In: Max Nettlau. *Op. Cit.*, p. 213.

# **Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertarios (excertos)**

**Dielo Trouda (A Causa dos Trabalhadores)**

**Nestor Mhakno, Ida Mett, Piotr Archinov, Valevsky, Linsky**

## **Apresentação**

É muito significativo o fato de que, apesar da força e o caráter incontestavelmente positivo das ideias libertárias, e apesar da franqueza e integridade das posições anarquistas perante a revolução social, e finalmente o heroísmo e inúmeros sacrifícios suportados pelos anarquistas na luta pelo comunismo libertário, o movimento anarquista permanece fraco a despeito de tudo, e tem aparecido, frequentemente, na história de lutas da classe trabalhadora como um pequeno acontecimento, um episódio, e não um fator importante.

Esta contradição entre a positiva e incontestável substância das ideias libertárias, e a situação miserável na qual o movimento libertário vegeta, tem sua explicação em um número de causas, das quais a mais importante, a principal é a falta de princípios e práticas organizacionais no movimento anarquista. Em todos os países, o movimento anarquista é representado por várias organizações locais que advogam teorias e práticas contraditórias, ficando, assim, sem perspectivas para o futuro, nem uma continuidade no trabalho militante, e habitualmente desaparecendo, dificilmente deixando o menor vestígio de existência em seu lugar.

Considerando-o como um todo, tal estado de anarquismo revolucionário só pode ser descrito como "desorganização geral crônica". Como a febre amarela, esta doença de desorganização se introduziu no organismo do movimento anarquista e o tem abalado por dezenas de anos. No entanto, sem sombra de dúvidas, esta desorganização se origina de alguns defeitos de teoria: notavelmente de uma falsa interpretação do princípio de individualidade no anarquismo: sendo esta teoria frequentemente confundida com a total falta de responsabilidade. Os amantes da asserção 'eu', com o interesse voltado unicamente para o prazer particular, agarram-se obstinadamente ao estado caótico do movimento anarquista e citam em sua defesa os princípios imutáveis do anarquismo e seus professores.

Mas os princípios imutáveis e os professores têm mostrado exatamente o contrário. Dispersão e quebra de unidade são arruinantes: uma união bem suturada é um sinal de vida e desenvolvimento. Esta negligência de luta social aplica-se tanto às classes quanto às organizações. Anarquismo não é uma utopia bonita, nem uma ideia filosófica abstrata, é um movimento social das massas trabalhadoras. Por esta razão, deve unir forças em uma organização, agitando constantemente, como é exigido pela realidade e estratégia de luta de classe.

"Nós estamos convictos" afirma Kropotkin, "de que a formação de uma organização anarquista na Rússia, longe de ser prejudicial à tarefa revolucionária comum, é, pelo contrário, desejável e útil no mais alto grau." (Prefácio para *The Paris Comune* ("A Comuna Parisiense") de Bakunin, edição de 1892.) Bakunin nunca se opôs ao conceito de uma organização anarquista geral. Pelo contrário, suas aspirações a respeito de organizações, assim como sua participação na primeira Internacional nos oferece razões para vê-lo justamente como um guerrilheiro ativo de uma organização como tal.

Em geral, praticamente todos os militantes anarquistas ativos lutaram contra qualquer tipo de atividade dispersiva, e desejaram um movimento anarquista soldado pelo unidade em meios e fins.

Foi durante a Revolução Russa de 1917 que se sentiu mais profundamente e urgentemente a necessidade de uma organização geral. Foi durante esta revolução que o movimento libertário mostrou o maior grau de fragmentação e confusão. A falta de uma organização geral levou muitos militantes anarquistas ativos a tomar parte de postos dos bolchevistas. Esta falha é também a causa de muitos outros militantes atuais permanecerem passivos, impedindo qualquer uso de suas forças, que é frequentemente bem considerável.

Nós temos grande necessidade de uma organização que, tendo reunido a maioria dos participantes do movimento anarquista, estabeleça no anarquismo uma linha política geral e tática a qual deve servir como um guia para o movimento inteiro.

Está na hora do anarquismo sair do pântano da desorganização, pôr um fim às infinitas vacilações das questões táticas e teóricas mais importantes, mover-se definitivamente em direção a um ideal claramente reconhecido, e operar uma prática coletiva e organizada.

No entanto, não é o bastante reconhecer a necessidade vital de tal organização: é também necessário estabelecer o método para sua criação. Nós rejeitamos como teoricamente e praticamente inapta a ideia de criar uma organização baseada na receita da 'síntese', que está reunindo os representantes de diferentes tendências anarquistas. Tal organização, tendo incorporado elementos teóricos e práticos heterogêneos, seria apenas uma reunião mecânica de indivíduos, cada qual possuindo um conceito diferente das questões do movimento anarquista, uma reunião que eventualmente se desintegraria ao entrar em contato com a realidade.

O método anarco-sindicalista não resolve o problema da organização anarquista, pois ele não dá prioridade a este problema, interessando-se somente pela penetração e aumento de forças no proletariado industrial. Entretanto, muito coisa não pode ser realizada nesta área, até mesmo em adquirindo igualdade, a menos que haja uma organização anarquista geral. O único método que leva à solução do problema de organização geral é do nosso ponto de vista, reorganizar militantes anarquistas ativos baseando-se em posições precisas: teórica, tática e organizacional, a base mais ou menos perfeita de um programa homogêneo. A elaboração de tal programa é uma das principais tarefas imposta aos anarquistas pela luta social dos últimos anos. É nesta tarefa que o grupo de anarquistas russos em exílio dedica uma parte importante de seus esforços.

A Plataforma Organizacional publicada abaixo representa os esboços, o esqueleto de tal programa. Deve servir como o primeiro passo em direção a um reagrupamento de forças libertárias em um único coletivo revolucionário ativo capaz de lutar, a União Geral dos Anarquistas. Não temos dúvidas de que há falhas na presente plataforma. Tem falhas, assim como todos os passos novos e básicos que tenham qualquer importância. É possível que algumas posições importantes tenham sido deixadas de fora, ou que outras tenham sido tratadas de forma inadequada, ou ainda que outras tenham sido muito detalhadas ou repetitivas. Tudo isso é possível, mas não de relevância vital. O que é importante é fixar as fundações de uma organização geral, e é este propósito que é atingido, em certo grau de necessidade, pela plataforma presente.

Depende do coletivo como um todo, a União Geral dos Anarquistas, em ampliá-la, para depois dá-la profundidade, transformá-la em uma plataforma definitiva para todo o movimento anarquista.

Em outro aspecto também temos dúvidas. Nós prevemos que vários representantes de um estilo próprio individualista e anarquismo caótico irão nos atacar, espumando pela boca, e nos acusar de quebrar princípios anarquistas. Contudo, sabemos que os elementos individualistas e caóticos entendem pelo título 'princípios anarquistas'



indiferença política, negligência e total falta de responsabilidade, o que tem causado em nosso movimento separações quase incuráveis, e contra as quais estamos lutando com toda nossa energia e paixão. Esta é a razão pela qual podemos calmamente ignorar os ataques provindos deste campo.

Baseamos nossa esperança em outros militantes: naqueles que permanecem fiéis ao anarquismo, tendo experimentado e sofrido a tragédia do movimento anarquista, e estão dolorosamente procurando por uma solução. Mais ainda, colocamos grandes esperanças nos jovens anarquistas que, nascidos na respiração da Revolução Russa, e posicionados desde o início no meio de problemas construtivos, irão certamente exigir a realização de princípios positivos e organizacionais no anarquismo. Convidamos todas as organizações anarquistas russas espalhadas em vários países do mundo, e também militantes isolados, a unir-se baseados em uma plataforma organizacional comum.

Deixem esta plataforma servir como a espinha dorsal revolucionária, o ponto de unificação de todos os militantes do movimento anarquista russo! Deixem-na formar as fundações para o Sindicato (União) Geral dos Anarquistas! Vida longa para a Revolução Social dos Trabalhadores do Mundo!

---

## **6. O papel das massas e o papel dos anarquistas na luta social e na revolução social**

As principais forças da revolução social são a classe trabalhadora urbana, as massas de camponeses e uma parte dos 'pensadores trabalhadores'. Observação: apesar de ser uma classe explorada e oprimida assim como os proletariados urbanos e rurais, os pensadores trabalhadores são relativamente desunidos se comparados com os trabalhadores e os camponeses, graças aos privilégios econômicos concedidos pela burguesia a alguns de seus membros. É por isso que, durante os primeiros dias da revolução social, somente a camada menos favorecida dos pensadores participou ativamente. A concepção anarquista do papel das massas na revolução social e na construção do socialismo difere-se tipicamente daquele dos partidos estadistas. Enquanto o bolchevismo e tendências afins consideram que as massas possuem somente instintos destrutivos e revolucionários, sendo incapazes de realizar atividades criativas e construtivas - a principal razão pela qual a última atividade deve concentrar-se nas mãos dos homens que formam o governo do Estado do Comitê Central do partido - os anarquistas, pelo contrário, acham que as massas trabalhadoras possuem enormes possibilidades criativas e construtivas inerentes, e os anarquistas desejam suprimir os obstáculos que impedem a manifestação destas possibilidades.

Os anarquistas consideram o Estado o principal obstáculo, que usurpa os direitos das massas e retira delas todas as funções da vida econômica e social. O Estado deve perecer, não "em algum dia" na sociedade vindoura, mas sim imediatamente. Deve ser destruído pelos trabalhadores no primeiro dia de sua vitória, e jamais deverá ser reconstituído usando qualquer outro tipo de falsa aparência. O Estado será substituído por um sistema federalista de organizações dos trabalhadores de produção e consumo, unidas federalmente e autogestionadas. Este sistema exclui tanto as organizações autoritárias quanto a ditadura de um determinado partido, qualquer que seja ele.

A Revolução Russa de 1917 demonstra precisamente esta orientação do processo de emancipação social através da criação do sistema de soviets de operários e camponeses e os comitês de fábrica. Seu triste erro foi não ter liquidado, em um momento oportuno, a organização de poder do estado: inicialmente do governo provisório, e em seguida do poder bolchevista. Os bolchevistas, aproveitando-se da confiança dos trabalhadores e dos camponeses, reorganizaram o estado burguês de acordo com as circunstâncias do

momento e, conseqüentemente, mataram a atividade criativa das massas, através do apoio e da manutenção do estado: que sufocou o regime livre dos soviets e dos comitês de fábrica, o que havia representado o primeiro passo em direção à construção de uma sociedade socialista não-estatal. A ação dos anarquistas pode ser dividida em dois períodos, um antes da revolução, e outro durante a revolução. Em ambos, os anarquistas só podem satisfazer seu papel como uma força organizada e se possuírem uma concepção clara dos objetivos de sua luta e os caminhos que levam à realização destes objetivos.

A tarefa fundamental da União Geral dos Anarquistas no período pré-revolucionário deve ser a de preparar os operários e camponeses para a revolução social. Negando a democracia formal (burguesa), a autoridade e o Estado, proclamando a total emancipação trabalhista, o anarquismo enfatiza ao máximo os rigorosos princípios da luta de classe. Isto atenta e desenvolve nas massas consciência de classe e a intransigência revolucionária da classe. E precisamente em direção à intransigência de classe, 'anti-democratismo', anti-estadismo' das ideias do anarco-comunismo que a educação libertária das massas deve ser direcionada, mas a educação em si não é o suficiente - É também necessária uma certa organização da massa anarquista - Para realizar isto, é necessário trabalhar em dois sentidos: por um lado, trabalhar em direção à seleção e agrupamento de forças revolucionárias de trabalhadores e camponeses levando em conta uma base libertária comunista teórica (uma organização especificamente libertária comunista); por outro lado, em direção à um reagrupamento de trabalhadores e camponeses revolucionários baseado em uma economia de produção e consumo (trabalhadores e camponeses revolucionários organizados em volta da produção: trabalhadores e camponeses livres cooperativos). A classe dos trabalhadores e camponeses, organizada com base na produção e consumo, penetrada por posições anarquistas revolucionárias, será o primeiro grande ponto a favor da revolução social.

Quanto mais estas organizações estiverem conscientes e organizadas de uma maneira anarquista, como a presente, maior será a manifestação da vontade intransigente e criativa na hora da revolução. Quanto à classe trabalhadora russa: está claro que após oito anos de ditadura bolchevista, que acorrenta as necessidades naturais de as massas terem atividade livre, a natureza verdadeira de toda e qualquer forma de poder é demonstrada melhor do que nunca; esta classe possui dentro de si grandes possibilidades para a formação de um movimento anarquista de massa. Militantes anarquistas organizados deveriam ir imediatamente, com toda força a seu dispor, encontrar-se com estas necessidades e possibilidades, de forma que elas não se degenerem em reformismo ('menchevismo'). Com a mesma urgência, anarquistas deveriam dedicar-se à organização dos camponeses pobres, que são esmagados pelo poder estatal, procuram uma solução para o problema e escondem um enorme potencial revolucionário. O papel dos anarquistas no período revolucionário não pode ser restrito somente à propagação das linhas mestras das ideias libertárias. A vida não é só uma arena para a propagação desta ou daquela concepção, mas também, e da mesma forma, uma arena de luta, de estratégia, e de aspirações destas concepções na gestão da vida social e econômica.

Mais do que qualquer outro conceito, o anarquismo deveria se tornar o principal conceito de revolução, pois é somente dentro da base teórica anarquista que a revolução social pode ser bem sucedida na total emancipação trabalhista. A principal posição das ideias anarquistas na revolução sugere uma orientação de acontecimentos direcionados pela teoria anarquista. Contudo, esta força teórica condutora não deve ser confundida com a liderança política dos partidos estatais que levam, por fim ao Poder de Estado. O anarquismo não aspira ao poder político nem à ditadura. Sua principal aspiração é

ajudar as massas a tomar o caminho autêntico da revolução social e da construção do socialismo. Mas não é o bastante que as massas tomem o caminho da revolução social. É também necessário manter esta orientação de revolução e seus propósitos: a supressão da sociedade capitalista em nome dos trabalhadores livres. Como a experiência da revolução russa de 1917 nos mostrou, esta última tarefa está longe de ser fácil, principalmente por causa dos inúmeros partidos que tentam orientar o movimento para uma direção oposta à da revolução social.

Apesar de as massas se expressarem profundamente nos movimentos sociais, em termos de tendências e princípios anarquistas, estas tendências e princípios ainda permanecem dispersos, sendo descoordenados, e, conseqüentemente, não levam à organização da força condutora das idéias libertárias, a qual é necessária para a preservação da orientação anarquista e dos objetivos da revolução social. Esta força condutora teórica só pode ser expressada por um coletivo criado especialmente pelas massas com esse propósito. Os elementos anarquistas organizados constituem exatamente este coletivo.

As massas exigem uma resposta clara e precisa dos anarquistas a respeito destas e de muitas outras questões. E, a partir do momento que os anarquistas declaram uma concepção de revolução e da estrutura da sociedade, eles são obrigados a dar uma resposta clara à todas estas questões, relacionar a solução destes problemas à concepção geral de comunismo libertário, e dedicar todas suas forças à realização destes. Somente desta forma a União Geral dos Anarquistas e o movimento anarquista asseguram completamente sua função como forças teóricas condutoras na revolução social.

## **7. O período de transição**

Os partidos socialistas entendem a expressão 'período de transição' como sendo uma fase definitiva na vida do povo cujos traços característicos são: ruptura com a velha ordem e a instalação de um novo sistema econômico e social - um sistema que, no entanto, ainda não representa a total emancipação dos trabalhadores. Neste sentido, todos os programas mínimos\* (Um programa mínimo não tem o objetivo de transformar o capitalismo, mas sim de solucionar alguns dos problemas imediatos que assolam a classe trabalhadora sob o regime capitalista.) dos partidos políticos socialistas, por exemplo, o programa democrático dos oportunistas socialistas ou o programa comunista pela 'ditadura do proletariado', são programas do período de transição. O traço essencial de todos estes é que eles consideram impossível, no momento, a concretização completa dos ideais dos trabalhadores: sua independência, liberdade e igualdade - e, conseqüentemente, preservam várias instituições do sistema capitalista: o princípio de coerção estatal, privatização dos meios e instrumentos de produção, a burocracia, e muitos outros, de acordo com as metas do programa de cada partido.

A princípio, os anarquistas sempre têm sido inimigos de tais programas, considerando-se que a construção de sistemas de transição, que mantêm os princípios de exploração e coerção das massas, levam, inevitavelmente, a um novo crescimento da escravidão. Em vez de estabelecer programas mínimos políticos, os anarquistas sempre defenderam a idéia de uma revolução social imediata, que prive a classe capitalista de seus privilégios econômicos e sociais, e coloque os meios e instrumentos de produção e todas as funções da vida econômica e social nas mãos dos trabalhadores.

Até agora, foram os anarquistas que mantiveram este posicionamento. A ideia do período de transição, de acordo com o qual a revolução social deve levar não à uma sociedade comunista, mas sim a um sistema X, mantendo elementos do velho sistema. é anti-social em essência. Ele ameaça resultar em um reforço e desenvolvimento destes elementos às suas dimensões anteriores, e isto seria como dar um passo para atrás.

Um flagrante exemplo disto é o regime de 'ditadura do proletariado' estabelecido pelos bolchevistas na Rússia. De acordo com eles, o regime deve ser somente uma passo transitório rumo ao comunismo total. Na verdade, este passo resultou na restauração da sociedade de classes, na qual os trabalhadores e camponeses voltaram a ficar por baixo. O centro de gravidade para a construção de uma sociedade comunista não consiste na possibilidade de assegurar a cada indivíduo liberdade ilimitada para satisfazer suas necessidades a partir do primeiro dia de revolução; mas consiste na conquista da base social desta sociedade, e estabelecimento dos princípios de relacionamentos igualitários entre os indivíduos. Quanto à questão da abundância, maior ou menor, ela não se posiciona ao nível de princípios, mas sim como um problema técnico.

O princípio fundamental sobre o qual a nova sociedade será erigida e posicionada, e que não deve ser restrito de qualquer forma é aquele de igualdade de relacionamentos, de liberdade e independência dos trabalhadores. Este princípio representa a primeira exigência fundamental das massas, pelo qual elas se erguem em uma revolução social.

Ou a revolução social terminará com a derrota dos trabalhadores, que seria o caso de recomeçarmos novamente a preparação da luta, uma nova ofensiva contra o sistema capitalista-, ou levará à vitória dos trabalhadores, e neste caso, tendo conquistado os meios que permitem auto-gestão - a terra, produção, e funções sociais, os trabalhadores começarão a construção de uma sociedade livre. Isto é o que caracteriza o início da construção de uma sociedade comunista, que, uma vez começada, continua seguindo o rumo de seu desenvolvimento sem interrupções, reforçando-se e aprimorando-se continuamente.

Desta forma, a tomada das funções sociais e produtivas por parte dos trabalhadores, traçará uma linha exata de demarcação entre as eras estatal e não estatal. Se deseja se tornar um porta-voz das massas combatentes, a bandeira de toda uma era de revolução social, o anarquismo não deve assimilar traços da velha ordem em seu programa, as tendências oportunistas de sistemas e períodos de transição, não escondem seus princípios fundamentais, mas, pelo contrário, os desenvolve e aplica o máximo possível.

## **8. Anarquismo e sindicalismo**

Consideramos a tendência de opor comunismo libertário a sindicalismo, e vice-versa, artificial e desprovida de fundamento e significado. As ideias do anarquismo e as do sindicalismo pertencem a dois planos diferentes. Enquanto o comunismo, isto é, uma sociedade de trabalhadores livres, é a meta da luta anarquista - sindicalismo, isto é, o movimento revolucionário de trabalhadores nas suas ocupações, é somente uma das formas de luta de classe revolucionária. Através da união de trabalhadores baseada na produção, o sindicalismo revolucionário, como todos os grupos baseados em profissões, não possui uma teoria determinada, não possui uma concepção do mundo que responda todas as complicadas questões sociais e políticas da realidade contemporânea.

Os sindicalismo sempre reflete as ideologias de diversos grupos políticos, notavelmente daqueles que trabalham mais intensamente em seus postos. Nossa postura perante o sindicalismo revolucionário origina-se do que será dito em seguida. Sem querer tentar solucionar com antecedência a questão de papel dos sindicatos revolucionários após a revolução, se eles serão os organizadores de uma nova produção, ou se deixarão esta função para os comitês de fábricas ou os sovietes de trabalhadores - julgamos que os anarquistas devem participar do sindicalismo revolucionário como sendo uma das formas do movimento revolucionário dos trabalhadores.

Contudo, a questão colocada hoje não é se os anarquistas devem ou não participar do sindicalismo revolucionário, mas sim como e para que fim eles devem tomar parte.

Consideramos o período, até o dia de hoje, quando os anarquistas entraram no movimento sindicalista como indivíduos e propagandistas, como um período de relações artesanais direcionadas ao movimento dos trabalhadores profissionais.

O anarco-sindicalismo, tentando introduzir forçosamente as ideias libertárias na ala esquerda do sindicalismo revolucionário como sendo uma forma de criar tipos de sindicatos anarquistas, representa um passo para frente, porém ainda não deixa de ser um método empírico, pois o anarco-sindicalismo não necessariamente une a 'anarquização' do movimento sindicalista com aquela dos anarquistas organizados fora do movimento. Pois somente dentro desta base, de tal ligação, que o sindicalismo revolucionário pode ser 'anarquizado' e impedido de se direcionar ao oportunismo ou reformismo.

Considerando o sindicalismo somente como um corpo profissional de trabalhadores sem uma teoria social e política coerente, e, conseqüentemente, sem poder para resolver a questão social sozinho, acreditamos que as tarefas dos anarquistas nos postos do movimento consiste em desenvolver a teoria libertária, e conduzi-lo em uma direção libertária, a fim de transformá-lo em um braço ativo da revolução social. É preciso ter sempre em mente que, se o sindicalismo não achar na teoria anarquista um apoio nos momentos oportunos, ele se direcionará, com ou sem nossa aprovação, para a ideologia de um partido político estatal.

As funções dos anarquistas nos postos do movimento revolucionário dos trabalhadores puderam ser concretizadas somente sob as condições de seus trabalhos estarem diretamente ligados e costurados à atividade da organização anarquista fora do sindicato. Em outras palavras, devemos entrar em sindicatos revolucionários como uma força organizada, responsável por executar metas no sindicato perante a organização anarquista geral e orientada por ela.

Sem nos restringirmos apenas à criação de sindicatos anarquistas, devemos exercitar nossa influência teórica em todos os sindicatos, e de todas as formas (a IWW, o sindicato russo). Só podemos conquistar este objetivo trabalhando em coletivos anarquistas rigorosamente organizados; mas nunca em pequenos grupos empíricos, que não têm entre eles nem uma ligação organizacional nem um acordo teórico.

Grupos anarquistas em companhias, fábricas e oficinas de trabalhos, preocupados em criar sindicatos anarquistas, levando a luta em sindicatos revolucionários para a dominação das idéias libertárias no sindicalismo, grupos cujas ações são organizadas por uma organização anarquista geral: estes são as formas e os meios das posturas anarquistas quanto ao sindicalismo

\* baseado em observações ou experiências e não em teoria.

---

## **A terra**

Para a solução do problema agrário, acreditamos serem os camponeses trabalhadores, que não exploram o trabalho de outros - e o proletariado assalariado do campo as principais forças revolucionárias e criativas. Sua tarefa será efetivar a redistribuição de terras no campo de forma a estabelecer o uso e exploração da terra de acordo com princípios comunistas.

Como a indústria, a terra, explorada e cultivada por sucessivas gerações de trabalhadores, é o produto dos seus esforços. Também pertence a todos os trabalhadores e a ninguém em particular, visto que é propriedade comum e inalienável dos trabalhadores, a terra nunca mais pode ser comprada, vendida ou alugada: ela não pode, portanto, servir como um meio de exploração do trabalho de outros.

A terra é também uma espécie de oficina de trabalho geral e pública, onde as pessoas produzem os meios pelos quais vivem. Mas é o tipo de oficina onde cada trabalhador (camponês) se acostumou, graças à certas condições históricas, a realizar seu trabalho sozinho, independente de outros produtores. Enquanto, na indústria, o método coletivo de trabalho é essencial e o único caminho possível nos dias de hoje, a maioria dos camponeses cultiva a terra por conta própria.

Conseqüentemente, quando a terra e os meios para sua exploração são assumidos pelos camponeses, sem possibilidade de venda ou arrendamento, a questão das formas de utilização e os métodos de exploração (comunitário ou familiar) não achará uma solução completa e definitiva imediatamente, como no setor industrial. De início, provavelmente ambos os métodos serão usados.

Serão os próprios camponeses revolucionários que estabelecerão os termos definitivos de exploração e utilização da terra. Nenhuma pressão vinda de fora será possível quanto à esta questão.

Contudo, já que consideramos que somente uma sociedade comunista, pela qual a revolução social será realizada., retira os trabalhadores da sua situação de escravidão e exploração e lhes dá total liberdade e igualdade; já que os camponeses constituem a grande maioria da população (quase 85% na Rússia na época tratada aqui) e, conseqüentemente, o regime agrário que eles estabeleceram será o fator decisivo do destino da revolução; e, finalmente, já que uma economia privada para a agricultura, assim como em uma indústria privada, leva a um comércio, acumulação, propriedade privada e restauração de capital - nosso dever será o de fazer tudo possível, desde agora, para facilitar a solução do problema agrário de uma forma coletiva.

Para tal, precisamos, desde já, nos engajar em uma propaganda enérgica entre os camponeses a favor de uma economia agrária coletiva. A fundação de um sindicato especificamente dos camponeses libertários, facilitará consideravelmente esta tarefa.

A respeito disto, o progresso técnico será de grande importância, facilitando a evolução da agricultura, assim como a concretização do comunismo nas cidades e, acima de tudo, na indústria. Se os trabalhadores industriais agirem junto aos camponeses, não individualmente ou em grupos separados, mas sim como um imenso coletivo comunista, abraçando todos os ramos da indústria; se, além disso, eles manterem em mente as necessidades do campo e se, ao mesmo tempo, suprirem cada vila com coisas usadas diariamente, ferramentas e máquinas para a exploração coletiva das terras, os camponeses se sentirão impelidos a aplicar o comunismo na agricultura.

## **A defesa da revolução**

A questão da defesa da revolução também está ligada ao problema do 'primeiro dia'. Basicamente, o meio mais poderoso para a defesa da revolução é a solução feliz para seus problemas positivos: produção, consumo, e a terra. Assim que se resolver corretamente estes problemas, nenhum contrarrevolucionário será capaz de alterar ou desequilibrar a sociedade livre de trabalhadores. No entanto, os trabalhadores terão de sustentar uma luta ferrenha contra os inimigos da revolução, a fim de manter sua existência concreta.

A revolução social, que ameaça os privilégios e a própria existência das classes não-trabalhadoras da sociedade, provocará inevitavelmente uma resistência desesperada por parte destas classes, que tomará a forma de uma violenta guerra civil.

Como podemos perceber pelo que aconteceu na Rússia, uma guerra civil como tal não será uma questão de poucos meses, mas sim de muitos anos. Não importando quão bem sucedidos sejam os primeiros passos dos trabalhadores no início da revolução, as classes

dominantes irão conservar uma enorme capacidade de resistência por muito tempo. Por muitos anos elas irão lançar ofensivas contra a revolução, tentando reconquistar o poder e os privilégios dos quais foram desprovidas.

Uma grande exército, estratégias e técnicas militares, capital - serão jogados contra os trabalhadores vitoriosos. De forma a preservar as conquistas da revolução, os trabalhadores devem criar órgãos para a defesa da revolução, para assim fazer oposição às ofensivas reacionárias com uma força guerrilheira que corresponda à magnitude da tarefa. Nos primeiros dias da revolução, esta força guerrilheira será formada por parte dos trabalhadores e camponeses armados. Mas esta força armada espontânea só será valiosa durante os primeiros dias, antes de a guerra civil alcançar seu pico e os dois partidos em luta terem criado organizações militares regularmente constituídas.

Na revolução social o momento mais crítico não é durante a supressão da Autoridade, mais sim o que se segue, que é quando as forças do regime derrotado lançam uma ofensiva geral contra os trabalhadores, e quando se trata de uma questão de se guardar bem as conquistas sob ataque. O caráter próprio desta ofensiva, assim como as técnicas e o desenvolvimento da guerra civil, obrigarão os trabalhadores a criar certos contingentes militares revolucionários. A essência e os princípios fundamentais destas formações deverão ser decididos com antecedência. Ao negar os métodos de governo estatais e autoritários, também estaremos negando o método estatal de organizar as forças militares de trabalhadores, em outras palavras, os princípios de um exército estatal baseado no serviço militar obrigatório. Sendo coerente com as posições fundamentais do comunismo libertário, o princípio de serviço voluntário deve ser a base das formações militares de trabalhadores. As repartições de guerrilheiros insurgentes, trabalhadores e camponeses, que lideraram a ação militar na revolução russa, podem ser citadas como exemplos de tais formações.

No entanto, 'serviço voluntário' e a ação de guerrilheiros não deve ser entendida no sentido estrito da palavra, que é o de uma luta de repartições de trabalhadores e camponeses contra o inimigo local, não coordenada por um plano geral de operação e cada uma agindo sob sua própria responsabilidade, sob seu próprio risco. A ação e as táticas usadas pelos guerrilheiros no período de seu desenvolvimento completo devem ser guiadas por uma estratégia revolucionária comum.

Como em todas as guerras, a guerra civil não pode ser financiada com êxito pelos trabalhadores, a menos que eles apliquem os dois princípios fundamentais de qualquer ação militar: unidade no planejamento de operações e unidade de comando em comum. O momento mais crítico da revolução virá quando a burguesia marchar contra a revolução como uma força organizada. Este momento crítico obriga os trabalhadores a adotar estes princípios de estratégia militar. Desta maneira, em vista das necessidades impostas pela estratégia militar e também pela estratégia contra-revolucionária, as forças armadas da revolução deve, inevitavelmente, ser baseada em um exército revolucionário geral com um comando em comum e planejamento de operações. Os princípios que se seguem formam a base para este exército.

- (a) o caráter de classe do exército;
- (b) serviço voluntário (qualquer coação será completamente excluída da tarefa de defender a revolução);
- (c) disciplina revolucionária livre (autodisciplina) (serviço voluntário e autodisciplina revolucionária são perfeitamente compatíveis, e dão ao exército revolucionário mais moral do que qualquer exército do estado);
- (d) submissão total do exército revolucionário às massas de trabalhadores e camponeses como são representadas pelas organizações de trabalhadores e camponeses comum por

todo país, e estabelecidas pelas massas nos setores de controle da vida econômica e social.

Em outras palavras, o órgão de defesa da revolução, responsável por combater a contra-revolução, por grandes frentes militares assim como por uma frente interna (complôs burgueses, preparação para ação contra-revolucionária), estará inteiramente sob a jurisdição das organizações produtivas dos trabalhadores e camponeses, às quais será submetido, e pelas quais receberá seu direcionamento político.

Observação: ao mesmo tempo que deve ser conduzido em conformidade com princípios comunistas libertários definitivos, o exército em si não deve ser considerado um ponto de princípio. Não é nada além de uma consequência de estratégia militar na revolução, uma medida estratégica que os trabalhadores são fatalmente forçados a tomar devido o processo de guerra civil. Mas esta medida deve chamar atenção a partir de agora. Deve ser estudada cuidadosamente a fim de evitar quaisquer contratemplos irreparáveis no trabalho de proteção e defesa da revolução, pois os contratemplos em uma guerra civil podem provar ser desastrosos ao resultado de toda revolução social.

### **Secção Organizacional**

As posições gerais, construtivas expressadas acima constituem a plataforma organizacional das forças revolucionárias do anarquismo.

Esta plataforma, contendo uma orientação tática e teórica definitiva, parece ser o mínimo necessário e urgente para reunir todos os militantes do movimento anarquista organizado.

Sua tarefa é agrupar ao seu redor todos os elementos saudáveis do movimento anarquista em uma organização geral, ativa e agitadora em uma base permanente:

a União Geral dos Anarquistas. As forças de todos os militantes anarquistas devem ser orientadas em direção à criação desta organização. Os princípios fundamentais para a organização de uma União Geral de anarquistas são os seguintes:

#### **1. Unidade Teórica**

A teoria representa a força que orienta a atividade de pessoas e organizações por uma trilha definida e direcionada a um objetivo determinado. Naturalmente, ela deve ser comum a todas as pessoas e organizações aderentes à União Geral. Qualquer atividade realizada pela União Geral, tanto no global quanto em seus detalhes, deve estar em perfeita concórdia com os princípios teóricos professados pelo coletivo.

#### **2. Unidade Tática ou o Método Coletivo de Ação**

Da mesma forma, os métodos táticos aplicados pelos membros e grupos isolados dentro da União devem ser unitários, ou seja, estar em concórdia rigorosa tanto entre si quanto com a teoria e a tática da União.

Uma linha tática comum no movimento é de importância decisiva para a existência da organização e para o movimento todo: ela elimina o efeito desastroso de várias táticas que se opõem entre si, concentra as forças do movimento, oferece às elas uma direção em comum levando, portanto, a um objetivo fixo.

#### **3. Responsabilidade Coletiva**

A prática de agir sob a responsabilidade de um indivíduo deve ser decididamente condenada e rejeitada nos postos do movimento anarquista. As áreas da vida revolucionária, sociais e políticas, são, acima de tudo, profundamente coletivas por natureza. A atividade social revolucionária nestas áreas não pode ser baseada na responsabilidade de indivíduos militantes.



O órgão executivo do movimento anarquista geral, a União Anarquista, ao tomar uma posição definitiva contra a tática de individualismo irresponsável, introduz em seus postos o princípio de responsabilidade coletiva: a União toda será responsável pela atividade política e revolucionária de cada membro; da mesma forma, cada membro será responsável pela atividade política e revolucionária de União como um todo.

#### **4. Federalismo**

O anarquismo sempre negou o conceito de organização centralizada, tanto na área da vida social das massas quanto na sua ação política. O sistema centralizado depende na diminuição do espírito crítico, iniciativa e independência de cada indivíduo e na submissão cega das massas ao 'centro'. As consequências naturais e inevitáveis deste sistema são a escravidão e a mecanização da vida social e da vida da organização. Sendo contra a centralização, o anarquismo sempre professou e defendeu o princípio de federalismo, que concilia a independência e a iniciativa dos indivíduos e da organização que servem à causa comum.

Ao conciliar a ideia de independência e alto grau dos direitos de cada indivíduo com o serviço das carências e necessidades sociais, o federalismo abre as portas para toda manifestação saudável das faculdades de todo indivíduo. Mas, frequentemente, o princípio federalista tem sido deformado nos postos anarquistas: ele tem sido interpretado como o direito, acima de tudo, de manifestar o 'ego' de alguém, sem a obrigação de arcar com os deveres para com a organização,

Esta falsa interpretação já desorganizou nosso movimento no passado. Está na hora de pôr um fim a isso de uma forma firme e irreversível. A federação significa a concordância livre entre indivíduos e organizações a trabalhar coletivamente em rumo a um objetivo comum. Contudo, tal acordo e federação, que é baseada nele, só poderão se tornar realidade, ao invés de ficção ou ilusão, sob as condições essenciais de que todos os participantes do acordo e a União cumpram completamente os deveres assumidos, e conforme as decisões compartilhadas. Em se tratando de um projeto social, independente de quão vasta seja a base federalista na qual é construído, não podem haver decisões que não sejam executadas. É ainda menos admissível em uma organização anarquista, que assume exclusivamente obrigações relacionadas aos trabalhadores e sua revolução social.

Conseqüentemente, o tipo federalista de organização anarquista, ao mesmo tempo que reconhece os direitos de independência, opinião livre, liberdade individual e iniciativa de cada membro, requer deles que assumam deveres organizacionais fixos, e exige a execução de decisões compartilhadas. Somente com esta condição o princípio federalista terá vida, e a organização anarquista funcionará corretamente, e se guiará em direção do objetivo definido.

A ideia da União Geral dos Anarquistas expõe o problema de coordenação e concordância das atividades de todas as forças do movimento anarquista. Cada organização aderente à União representa uma célula vital do organismo todo. Cada célula deve ter seu secretariado, executando e guiando teoricamente o trabalho político e técnico da organização.

Visando a coordenação da atividade de todas as organizações aderentes da União, um órgão especial será criado: o comitê executivo da União. O comitê será responsável pelas seguintes funções: a execução das decisões tomadas pela União com as quais são confiados; a orientação teórica e organizacional da atividade de organizações isoladas consistente com as posições teóricas e a linha geral tática da União; a monitoração do estado geral do movimento; a manutenção das relações de trabalho e organizacionais entre todas as organizações da União; e com outras organizações.

Os direitos, responsabilidades e tarefas efetivas do comitê executivo são fixados pelo congresso da União. A União Geral dos Anarquistas tem uma meta concreta e determinada. Em nome do sucesso da revolução social ela deve, acima de tudo, atrair e absorver os elementos mais revolucionários e altamente críticos dos operários e camponeses.

Exaltando a revolução social, e mais ainda, sendo uma organização anti-autoritária que aspira à abolição da sociedade de classes, a União Geral dos Anarquistas depende igualmente da duas classes fundamentais da sociedade: os operários e os camponeses. Ela põe peso igual sob o trabalho de emancipação destas duas classes.

Quanto aos sindicatos dos trabalhadores e as organizações revolucionárias das cidades, a União Geral dos Anarquistas terá de dedicar todos os seus esforços para ser seu pioneiro e guia teórico.

Ela assume a mesma tarefa em relação às massas exploradas de camponeses. Assim como pretende ter o mesmo papel que o sindicato revolucionário dos trabalhadores, a União se esforça por efetivar a criação de uma rede de organizações econômicas revolucionárias dos camponeses, além disso, uma união específica de camponeses, fundada a partir de princípios anti-autoritários.

Nascida da massa de pessoas trabalhadoras, a União Geral deve tomar parte de todas as manifestações de suas vidas, levando a eles o espírito de organização, perseverança e ofensiva em todas as ocasiões. Somente desta forma ela poderá concretizar sua tarefa, sua missão teórica e histórica na revolução social dos trabalhadores, e se tornar a vanguarda organizada do seu processo de emancipação.